

**TRAVESSIAS ED XIII****ISSN 1982-5935**  
revistatravessias@gmail.com**DOIS CANDANGOS**

Marcélia Guimarães Paiva\*

Toda vez que passo por essa região, me lembro de que aqui fica a casa de amigos queridos, mas há muito perdidos. Éramos muitos homens construindo uma cidade. A terra era seca e fria. Eu morava em um barracão de uma entre muitas empreiteiras e, à noite, sentia um friozinho colado na pele, como dizia o meu amigo Valdir.

Valdir me contava da sua cidade onde ele consertava barcos. Com as mudanças na vazão do rio do lugar, já não havia tanta plantação de arroz ou fábricas. Por consequência, o carpinteiro não tinha trabalho. Um dia, junto com outras famílias, ele e Dora, sua mulher, pegaram um caminhão rumo à nova vida.

A minha história era outra. Declarei ao gerente da obra que vinha de uma fazenda de café. Uma história simples que ninguém se importava em verificar.

Eu e Valdir passávamos muito tempo juntos. Eu fazendo massa e assentando tijolo e Valdir trabalhando com a madeira. De sol a sol, trabalho duro, muito duro.

O casal possuía uma casa. Aos domingos, me convidavam para esquecer a boia do galpão e comer frango. Aliás, esse frango apareceu duas vezes em meus relatórios. Impossível esquecer aqueles almoços de domingo.

Dora fazia panelas de barro vendidas em uma feirinha aos sábados. Aos domingos, eu e Valdir saíamos para buscar o barro em um córrego perto. Na primeira vez, me surpreendi com meu amigo. Depois de enchemos uma lata, Valdir atirou-se à água.

E me gritava, insistindo que a água estava boa. Não tive tempo de reagir. Valdir me chamava, rindo e dizendo que eu estava com medo. Mas eu não podia tirar as botas. Em todas as tentativas de transformação, não tínhamos sucesso em aparentar um pé razoável.

Finalmente, me aproximei da água e consegui tocar no meu amigo. Assim, pude aproveitar o banho e muitos outros que se seguiram.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; e-mail: marcelia.guimaraes@ufjf.edu.br

Gostava da minha vida. Não estava sozinho. Fazia parte de uma pequena equipe que tinha pequenas dificuldades em parecer igual a todo mundo. A situação mais difícil aconteceu, em um dia comum de trabalho, quando uma viga despencou em cima de alguns homens. Atingiu em cheio um dos membros da minha equipe e outro homem. Consegui tocar em outros dois que observaram o acidente. Assim, ficamos com um só ferido. Nesse, por sinal, desmaiado, não precisei tocar. Foi uma sorte porque não teria como fazer o mesmo com dezenas de homens.

Daí uns dias fomos ao enterro. No domingo, Valdir, sentado, amassava o barro, triste, lamentando a morte do amigo. Por essa época, eu já pensava em deixar no lugar um vestígio de nossa passagem. Vendo meu colega amassando o barro, tive uma ideia. Toquei nele e sugeri que fizesse um objeto. Ele se espantou. Não queria fazer panelas. Queira voltar para seu rio e seus barcos e esquecer as vigas que despencam. Comecei a amassar o barro conduzindo suas mãos para fazer uma figura humana. O resultado foi um bonequinho feio e estranho. Voltei a insistir nos domingos seguintes. Afinal, Valdir mostrou uma de suas esculturas à sua mulher. Depois, me relatou que Dora tinha achado muito esquisito aquele boneco de corpo fino com o calcâneo grande.

Valdir continuava a fabricar outros bonecos. Dora recusava aquelas figuras magras, compridas, de homem, mulher ou criança, mas sempre com aqueles pés incomuns. Quando as peças cozidas começaram a se acumular, Valdir tentou vendê-las na feira. As pessoas paravam, observavam a protuberância nos pés, riam e não compravam. Só houve venda no segundo sábado de tentativa. Venderam apenas um exemplar, mas na semana seguinte, venderam mais e sempre mais um pouquinho.

Aquilo virou rotina. Eu mesmo ajudava Valdir a fazer as peças. As figuras começaram a chamar a atenção de gente que vinha de fora da cidade e do país. Ficaram conhecidas e até uma foto apareceu em uma reportagem de revista. Eram mesmo populares. Já outros artesãos faziam os bonecos compridos com o mesmo calcâneo. Apareciam estatuetas de formas variadas: pessoas sozinhas ou em grupo, abraçadas, trabalhando, caminhando ou com as mãos enlaçadas em roda. A imitação se disseminou e se diversificou.

O tempo passou, a empresa terminou seu trabalho e todos foram demitidos ou transferidos para outras obras. Valdir e Dora decidiram ficar na cidade. Valdir dizia que

havia muita casa para construir e Dora continuaria a vender seus objetos de barro cozido, inclusive, as populares figuras de calcanhares grandes. Eu disse que não queria ficar.

E nem poderia. Minha tarefa estava concluída. Partiria para conhecer outros locais.

Hoje, nessa nave, tão próximo da Terra, lembro dos dois guerreiros esculpidos, não em barro, mas em bronze, como sinal da minha passagem, sinal de Valdir e Dora, de homens que vieram de muito longe para construir a capital de um país.